

XI ENCONTRO DO GT FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

Vida, arte e pensamento

DATAS: 31 de agosto, 06, 08,
14 e 21 de setembro de 2023

EVENTO ON-LINE transmitido pelos canais do GEPE e do NUPEF, ambos da UFRB, em parceria com o canal Conversações filosóficas





CADERNO DE RESUMOS

XI ENCONTRO DO GT FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

VIDA, ARTE E PENSAMENTO

Zunino, Pablo; Souto, Caio (orgs.).

Caderno de Resumos do XI Encontro do GT Filosofia Francesa Contemporânea (ANPOF): Vida, arte e pensamento. 1ª ed. – 2023. Formato: Livro Digital. Veiculação: Digital. ISBN: 978-65-87743-76-9.

1. Filosofia. 2. Contemporaneidade. I. Título. II. Zunino, Pablo. III. Souto, Caio.



XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea

31/08/2023, 06/09/2023, 08/09/2023, 14/09/2023 e 21/09/2023

Transmissão *on-line* simultânea pelos canais do Curso de Filosofia da UFRB:

<https://www.youtube.com/@FilosofiaUFRB/featured> e pelo Canal “Conversações Filosóficas”: **<https://www.youtube.com/@conversacoesfilosoficas/featured>.**

Programação geral

Quinta-feira, 31/08/2023

- 19h: Mesa de Abertura – Coordenação do GT

- 19h15: Conferência de abertura

• Débora Morato Pinto: “O reposicionamento do dualismo em Bergson: uma nova aliança entre filosofia, ciência e arte”.

- Mediadora: Geovana da Paz Monteiro



Quarta-feira, 06/09/2023

14 a 16 horas – Comunicações: Pós-estruturalismo e imagem

- Victoria Hautz do Carmo – Sobre a diferença na máquina social capitalista.
- Renan Ferreira da Silva – “Eu estou morto”: algumas reflexões sobre a vida e a morte a partir da leitura de Jacques Derrida de um quadro de Valério Adami.
- Vladimir Lacerda Santafé – Poesia e luce: as imagens insurgentes em Deleuze e Didi-Huberman.
- Jonas Mur – Uma nova leitura de "Ontologia da imagem da fotográfica" de André Bazin: afinidades teóricas.
- Thiago Rodrigues – A invenção do real ou (às) margens de palavra: um estudo sobre a ficção em Jacques Rancière.
- Daniela Cunha Blanco – Da arqueologia em Foucault à cena arqueológica em Rancière: o traçado de um método na errância de Dom Quixote.

- 16 a 16:30 horas: Intervalo

16:30 a 18:30 horas – Comunicações: Foucault

- Márcio Santos de Santana – As categorias etárias e a epistemologia da história: notas para um debate.
- Thiago Rodrigo de Oliveira Costa – Foucault: poder, subjetividade e cuidado de si.
- Felipe Luiz – Diagnóstico e batalha: sobre a dupla caracterização da filosofia por Foucault.
- Ronald Valentim Gomes Sampaio – A vida plena como arte de viver: uma leitura foucaultiana contra o assujeitamento contemporâneo.
- Davi Maranhão De Conti – Uma arqueologia da vida em Michel Foucault.
- Clara Guimaraes Santiago – A insurreição dos corpos colonizados: um diálogo entre Foucault, Fanon, Lelia Gonzales e Elsa Dorlin.

- 18:30 a 19:00 horas: Intervalo

19:00 a 21:00 horas – Mesa redonda: Foucault

- Yolanda Gloria Gamboa Muñoz – Notas sobre o papel diagnóstico da arte em M. Foucault e P. Veyne.
- Regiane Lorenzetti Collares – A estética da existência em Foucault e Souriau: a arte de existir depois do tombo.
- André Constantino Yazbek – Da história como campo de batalhas em Michel Foucault.



Sexta-feira, 08/09/2023

14 a 16 horas – Comunicações: Bergson

- Heliakim Marques Trevisan – Bergson e a crítica à correlação.
- Warley Kelber Gusmão de Andrade – Atenção à vida e ampliação da percepção na filosofia bergsoniana.
- Paulo Jorge Barreira Leandro – Bergsonismo Selvagem - permeabilidades com o povo Urubu-Kaapor.
- Yago Antonio de Oliveira Morais – A múltipla personalidade à luz da filosofia de Bergson.
- Aleksandro Melo Medeiros – Experiência Mística e Metafísica em Henri Bergson.
- Sinomar Ferreira do Rio – Vida, sociedade e democracia no pensamento de Henri Bergson como movimento de criação de forma.

- 16 a 16:30 horas: Intervalo

16:30 a 18:30 horas – Comunicações: Merleau-Ponty

- Josiana Hadlich – Sentir o invisível: em torno da presentificação da vida.
- Everaldo Reis – A redução fenomenológica e o papel do corpo diante de eventos disruptivos.
- Rafaela Ferreira Marques – A atitude analítica: uma crítica ao cientificismo na obra de Merleau-Ponty.
- Matheus Marcus Gabriel Mellado – A Linguagem Indireta: estudo sobre a necessidade de um discurso não referencial no pensamento de Merleau-Ponty.
- Uilson Junior Francisco Fernandes – Entre Fanon e Merleau-Ponty: corpo e vivência.
- Harley Juliano Mantovani – A subversão da subjetividade em Merleau-Ponty e a possibilidade da arte.

- 18:30 a 19:00 horas: Intervalo

19:00 a 21:00 horas – Mesa redonda: Merleau-Ponty

- Dani Barki Minkoviccius - Fazendo-se, a vida se desfaz: a Natureza segundo Merleau-Ponty leitor de Bergson.
- Alex de Campos Moura – Notas sobre a questão da literatura em Merleau-Ponty.
- Gisele Batista Candido – Poesia, linguagem e não-filosofia: Pessoa, Merleau-Ponty e Barbaras.



Quinta-feira, 14/09/2023

14 a 16 horas – Comunicações: Bachelard, Wahl, Malabou

- Diego Luiz Warmling – Inconsciente e plasticidade: Malabou leitora de Freud.
- Lisandro Bacelar da Silva – Razão e dialética: uma compreensão da epistemologia química bachelardiana.
- Bernardo Tavares dos Santos – Pluralismo, poesia e metafísica na filosofia de Jean Wahl.
- Gabriel Kafure da Rocha – *Corpus imaginarium*: saúde epistêmica em Wunemberger.
- Pedro Olivieri Fonseca – A noção de diagrama poético em Gaston Bachelard.
- Fábio Ferreira de Almeida – O problema da vida e a filosofia de Gaston Bachelard.

- 16 a 16:30 horas: Intervalo

16:30 a 18:30 horas – Comunicações: Sartre

- Tássia Vianna de Carvalho – Entre translucidez e opacidade: considerações acerca da gênese da consciência, de Sartre a Merleau-Ponty.
- Thiago Ayres de Menezes Silva – A que ainda nos serve o humanismo? Apontamentos sobre uma questão “tipicamente francesa”.
- Ágatha Cavallari – A escuta musical em Sartre.
- Fabrício Rodrigues Pizelli – Cegueira e indiferença para com outrem em *O Ser e o nada*, de Jean-Paul Sartre.
- Gabriel Gurae Guedes Paes – Sartre e a temporalidade na angústia e na náusea: duas maneiras distintas de suspender o sentido do mundo.
- Vinicius Xavier Hoste – Dois caminhos para se pensar a arte em Sartre: a beleza entre a retração e a expansão.

- 18:30 a 19:00 horas: Intervalo

19:00 a 21:00 horas – Mesa redonda: Sartre

- Renato dos Santos Belo – Sartre e o escritor como intelectual.
- Luciano Donizetti da Silva – Liberdade e revolução: a obra de Arte como reinvenção da vida.



Quinta-feira, 21/09/2023

14 a 16 horas – Reunião do GT

- 16 a 16:30 horas: Intervalo

16:30 a 18:30 horas – Comunicações: Camus e Beauvoir

- André Luiz Pereira Spinieli – Vivenciar o absurdo, questionar o mundo: a estrangeiridade em Albert Camus.
- Flávio Rocha de Deus – A crítica de Camus a lógica e prática da revolta em Sade.
- Josiana Barbosa Andrade – Moral, arte e metafísica em Simone de Beauvoir: para uma atitude do amor à vida.
- Larissa Fernandez de Andrade Santos – Tornar-se mulher: ambiguidade e liberdade em Simone de Beauvoir.
- Juliana Oliva – Para abrir o futuro aos recém-chegados: contribuições beauvoiranas.
- Marcelo S. Norberto – O lugar do tempo: sobre "Por uma moral da ambiguidade" de Simone de Beauvoir.

- 18:30 a 19:00 horas: Intervalo

19:00 a 21:00 horas – Mesa de Encerramento: Simone de Beauvoir

- Thana Mara de Souza – A velhice a partir da moral existencialista de Simone de Beauvoir.
- Igor Silva Alves – Negação, transcendência e superação. Uma aproximação de Simone de Beauvoir.



Conferência, Mesas redondas e Comunicações

Resumos



A escuta musical em Sartre

Ágatha Cavallari (USP)

Resumo: Nos momentos finais de “O imaginário”, Jean-Paul Sartre se debruça de forma detida sobre a questão referente à obra de arte. Não é inusitado afirmar que em suas breves, porém significativas investidas na conceituação do objeto estético, Sartre confere maior densidade à análise das artes visuais, notadamente ao caso pictórico. Desde a primeira parte do capítulo conclusivo do livro 1940, segundo o intuito de aclarar as diferenças constitutivas do objeto real e do objeto irreal, logo notamos a ênfase dada pelo autor ao caso emblemático do retrato de Carlos VIII. Ademais, a fim de ressaltar o modo singular pelo qual apreendemos o objeto estético, na sequência do texto, Sartre mobiliza em seu caminho argumentativo as escolhas dos elementos figurativos presentes na composição pictórica de Matisse, tais como a especificidade da cor, a textura utilizada na pintura, entre outros. A partir disso, poderíamos ser tentados a assumir a centralidade quase inquestionável das criações artísticas atreladas ao domínio visual como os casos que melhor exemplificam o nosso contato com o objeto estético, tal como concebido por Sartre, isto é, como um objeto que pertence ao campo do irreal. Ainda que o destaque direcionado à pintura seja, de fato, bastante ilustrativo sobre a constituição da obra de arte, acreditamos que a música, por seu turno, comporta nuances importantes, as quais nos possibilitam realçar camadas sobre a irrealidade do objeto artístico que extrapolam as observações resguardadas à pintura. Assim, no interior da segunda parte do livro supracitado, Sartre não apenas demarca como a criação musical se insere na dinâmica entre real e irreal própria à obra de arte, como também delinea as particularidades do nosso modo de apreensão desta criação artística que escapa às condições figurativas e visuais. Ao valer-se do exemplo referido à VII Sinfonia de Beethoven, o filósofo francês explicita as características da música enquanto um objeto fruto da consciência capaz de apreender a irrealidade. Nesse sentido, assim como as demais expressões artísticas, a música requer um



"analogon" que possibilite a sua manifestação. Contudo, no interior das considerações sobre a obra beethoveniana, chama a atenção as particularidades esboçadas por Sartre sobre o modo pelo qual a contemplação musical ocorre. Disso se segue que a escuta musical vincula-se a um gênero específico de desinteresse pelos dados visuais constituintes da manifestação musical, a ponto de nos sentirmos abandonados à experiência sonora e, como consequência, deslocados da realidade. Portanto, de acordo com o percurso traçado no capítulo conclusivo de "O imaginário", buscaremos expor como a escuta musical abarca aspectos importantes das observações sartrianas sobre a constituição do objeto de nossas apreensões estéticas, uma vez que, neste caso, a imersão sonora é o aspecto que se sobressai. Além disso, pontuaremos como a fruição musical também é assinalada pelo autor em "A náusea", romance de 1938.



Notas sobre a questão da literatura em Merleau-Ponty

Alex de Campos Moura (USP)

Resumo: Dois eixos centrais que atravessam a filosofia de Merleau-Ponty são as discussões sobre a percepção e sobre a linguagem. Nessa apresentação, procuraremos, de modo sucinto, explicitar a maneira pela qual ambas se articulam em uma concepção própria a respeito da literatura, tanto em relação ao “o que é” ela, quanto em relação ao “lugar” que ela ocupa no interior de um projeto fenomenológico e ontológico. Buscaremos, assim, destacar sua relevância na construção do itinerário filosófico do autor e, ao mesmo tempo, sua originalidade em relação a certo horizonte de debate frente ao qual ele se situa.



Experiência Mística e Metafísica em Henri Bergson

Alexsandro Melo Medeiros (UFAM)

Resumo: Ao longo dos séculos, o ser humano sempre colocou para si questões sobre Deus: sua existência, seus atributos e sua natureza. Nesta comunicação procuraremos abordar a questão de Deus a partir da via do misticismo. Para tratar desta questão iremos recorrer ao pensamento do filósofo francês Henri Bergson, sobretudo a partir de sua obra “As Duas Fontes da Moral e da Religião”. Nosso objetivo será analisar como Bergson propõe oferecer filosoficamente uma prova da existência de Deus ou aquilo que podemos chamar de “o valor filosófico do misticismo”. O problema de Deus tem um lugar relevante na obra “As Duas Fontes”. O ponto de partida para a questão da existência de Deus é a nossa experiência de Deus. Desta forma, a experiência mística pode se converter em um poderoso auxiliar de investigação filosófica pois a experiência mística é uma experiência metafísica, em que experimentamos interiormente a existência de Deus. No campo da metafísica, o caminho válido para se chegar a existência de Deus é experimentar Deus em nós. É o próprio Bergson quem afirma que os místicos desvendaram um caminho que todos os outros homens poderão palmilhar e, por isso, indica um caminho possível para o filósofo. A experiência mística é uma aliada possível da filosofia e ela pode completar o raciocínio filosófico. De todas as experiências, aquela que mais nos aproxima de Deus é a experiência mística. A experiência mística é a experiência da existência de Deus. Uma experiência excepcional, uma experiência de amor, a experiência dos místicos. Bergson é bastante claro ao afirmar que o misticismo possibilita abordar experimentalmente a questão de Deus. O interesse de Bergson pelo estudo do fenômeno místico tem uma base filosófica, de uma filosofia que deve superar os limites da inteligência discursiva para, através da experiência interior, entrar em contato com a própria vida e, neste ponto, devemos ressaltar a importância do conceito de élan vital para tratar do tema, pois a experiência mística é, em outras palavras,



uma experiência de intensificação do élan vital, o impulso criador da vida. O misticismo é uma experiência em que o ser humano sente profundamente o elán da vida. O misticismo é, segundo Bergson uma tomada de contato com o esforço criador que a vida manifesta, sendo que esse esforço “é de Deus, se não for Deus mesmo”. O misticismo é uma experiência interna que, em última análise, nos faz sentir o amor de Deus que irradia para todos. O amor é percebido como uma força, uma energia, que irradia para toda a criação. Assim, a experiência mística conduz a alma a uma identificação com o Criador da vida e, nesse ponto, já não se pode mais negar a Sua existência. Deste modo chegamos ao ponto central de nossa análise, segundo a qual a experiência mística nos permite abordar a questão metafísica da existência de Deus.



Da história como campo de batalhas em Michel Foucault

André Constantino Yazbek (UFF)

Resumo: A partir da genealogia foucaultiana e de sua interpretação bélica da política, trata-se de explorar o uso genealógico da história como campo de batalhas e contraofensiva face às grandes narrativas do poder e da unidade soberanas. Para tanto, tomaremos o caso exemplar do curso ministrado por Foucault em 1976, intitulado “Em defesa da sociedade”, para explicitar uma disposição teórica geral, de matriz genealógica, na qual os conceitos, objetos e instituições da tradição filosófica e política ocidental são considerados na condição de armas de combate.



Vivenciar o absurdo, questionar o mundo: a estrangeiridade em Albert Camus

André Luiz Pereira Spinieli (UNESP)

Resumo: No limiar do último século, Albert Camus (1913-1960) assumiu para si a função de porta-voz de um problemático estado de coisas, que indicava a abertura às tensões entre a política totalitária e a filosofia de matriz existencialista. O seu pensamento não apenas aguçou uma geração de pensadores a identificar e denunciar os absurdos da existência, mas também foi fundamental para deslocar o papel do filósofo: de mero contemplador da realidade, o filósofo se tornou o interpelador do mundo. Toda a sua filosofia está centrada em uma síndrome pela busca de respostas nesta realidade, que nos oferece nada além de situações cíclicas, repetitivas e que beiram à ausência de sentido. Não apenas a sociedade está imersa no absurdo, mas principalmente suas instituições, responsáveis por fazer o mundo acontecer. Reflexo de sua vivência enquanto cronista judiciário, os problemas afeitos à justiça e seus personagens serviram de importantes referenciais para construir romances de storytelling – que, pautados na vivência de seus heróis absurdos e revoltados, traduziram aos leitores as linhas mais densas de sua filosofia. Neste trabalho, analiso o conceito de estrangeiridade como uma das expressões possíveis do absurdo camuseano. Para isso, recorro à narrativa de “O Estrangeiro”, observando os sucessivos exílios que o protagonista Meursault sofre ao longo da trama. A filosofia camuseana está introduzida em um jogo de inclusões e exclusões recíprocas entre o homem e a realidade: se o mundo conspira para excluir o homem do espectro de suas respostas, ao homem absurdo cabe se contentar com o pouco que lhe resta, um estado de lançamento inescapável nesta realidade. Para além do homem que deve empurrar a pedra de sua vida diariamente, a estrangeiridade meursaultiana é reforçada pelo instante em que, integrando-se ao universo solar e à natureza absurda, pratica um homicídio. Na prisão, assiste as paisagens por onde passou se tornarem cenários desumanos e deprimentes, à espera do chamado para sua execução pública. A estrangeiridade não



representa um sentimento que está no homem ou no mundo, individualmente, mas sim na relação entre os dois. Afirmar a estrangeiridade como expressão possível do absurdo camuseano significa reconhecer que os homens são necessariamente esvaziados de qualquer esperança perante a realidade, indiferentes ao mundo. Na filosofia camuseana, entender a estrangeiridade enquanto expressão do absurdo implica reconhecer que aqueles que são indiferentes sempre estão prontos para experimentar a realidade outra vez, com suas felicidades imediatas, solidariedades descontínuas, o universo solar, sistemas de justiça alheios ao real e o absurdo em si.



Pluralismo, poesia e metafísica na filosofia de Jean Wahl

Bernardo Tavares dos Santos (UNIFESP)

Resumo: Jean Wahl (1888-1974) é um pensador algo injustiçado no rol dos filósofos franceses do século XX. Quando não permanece simplesmente esquecido, ele é reconhecido apenas como um professor e estudioso da história da filosofia que participou da recepção francesa de obras como as de Whitehead, Kierkegaard e Heidegger e influenciou o desenvolvimento do existencialismo e de filosofias hoje célebres, como as de Lévinas e Deleuze. Mas o pensamento singular de Wahl — que contém a chave de suas leituras da história da filosofia e está impregnado na influência por ele exercida — ainda está por ser melhor descoberto e explorado. Esse pensamento foi o objeto da minha tese de doutorado recém-defendida, “A metafísica de Jean Wahl: empirismo transcendental, radical e afetivo”. Com vistas à leitura da filosofia wahliana que elaborei ali e à temática do encontro, proponho uma apresentação geral desse pensamento a partir do seu pluralismo — que supõe uma espécie de princípio vital de inspiração bergsoniana — e do vínculo que Wahl estabelece entre poesia e metafísica — nos termos de uma concepção não racional, mas sim “intensiva” do pensamento e da filosofia.



A insurreição dos corpos colonizados: um diálogo entre Foucault, Fanon, Lelia Gonzales et Elsa Dorlin

Clara Guimaraes Santiago (Université Paris Cité / Chaire de recherche du Canada en
Éthique Féministe)

Resumo: Nesta comunicação, eu pretendo traçar relações entre o sujeito, o poder e a resistência nas obras de Foucault e de Fanon como ponto de partida para pensar a construção de uma subjetividade política de autodefesa de corpos femininos marcados pelas violências de raça, classe e gênero. Para Foucault as construções de verdade são parte constituinte do poder. Por meio delas, estabelecemos as normas e os padrões sociais, raciais e de gênero que são expressas e perpetuadas em processos de assujeitamento onde aprendemos a ter prazer no cumprimento das regras e onde corpos racializados são colocados em locais de subalternidade. Em paralelo a essas relações, o poder se estabelece por meio das práticas de resistências que o constituem. Sendo assim, a partir de Foucault, problematizaremos o conceito de assujeitamento em Fanon para pensar na possibilidade de uma prática de liberdade que se pautem em práticas de resistência anticoloniais e antirracistas, mas também construiremos um diálogo com a ideia de Lelia Gonzales que o racismo que seria resultado de uma neurose cultural e com as possibilidades de autodefesa contra as violências do racismo, do colonialismo e suas consequências para a precarização dos corpos problematizadas por Elsa Dorlin. Diante disto, questionaremos de que maneira estas práticas se expressam dentro de um contexto interseccional, principalmente pensando no papel designado para mulheres racializadas dentro de uma dinâmica colonial e, principalmente, diante de uma colonização que cruzaria não somente as fronteiras de raça, mas também do gênero.



Fazendo-se, a vida se desfaz: a Natureza segundo Merleau-Ponty leitor de Bergson

Dani Barki Minkovicius (USP)

Resumo: Tomando como ponto de partida um escrito de Barbaras, procuramos comentar a leitura que Merleau-Ponty faz de Bergson no curso sobre o Conceito de Natureza, ressaltando a importância, para Merleau-Ponty, da negatividade na filosofia positiva de Bergson – tanto pela presença de tal complexidade no bergsonismo, quanto por sua não permanência, aos olhos merleau-pontianos.



Da arqueologia em Foucault à cena arqueológica em Rancière: o traçado de um método na errância de Dom Quixote

Daniela Cunha Blanco (USP)

Resumo: O personagem Dom Quixote é figura constante no pensamento da fase arqueológica de Michel Foucault. É, também, tema central para o pensamento de Jacques Rancière, que faz reaparecer o cavaleiro errante em uma série de livros e textos como figura a partir da qual é possível pensar a literatura, a política e a própria filosofia. Nosso intuito será, a partir da maneira pela qual ambos os autores se debruçam sobre o personagem, compreender duas abordagens arqueológicas diversas. Afirmando, assim, o pensamento arqueológico de Foucault como herança a influenciar o método rancieriano, pretendemos construir as linhas de proximidades e distâncias entre aquilo que denominamos de cenas arqueológicas em Rancière e o gesto arqueológico em Foucault. Se, em Foucault, o personagem aparece no pensamento das três experiências da loucura, bem como das três epistemes – pré-clássica, clássica e moderna – em Rancière, Dom Quixote surge para pensar os três regimes de identificação das artes – regime ético, regime representativo e regime estético. Em Foucault, o livro de Cervantes recebe três leituras diversas. Em História da loucura, ele aparece como força transgressora da experiência trágica da loucura. Em As palavras e as coisas, Dom Quixote reaparece, na passagem entre as epistemes pré-clássica e clássica, e se configura como aquele que abre o espaço da representação, tendo um caráter negativo. Pretendemos mostrar como, entre os dois livros, apesar da transformação de uma figura trágica positiva em uma figura delirante negativa, Dom Quixote permanece presa de uma razão policial cuja configuração é encontrada por um gesto arqueológico interessado em uma força dominante que, posteriormente, Foucault denominará poder. Em Linguagem e literatura, por sua vez, Foucault (2005) afirma que esses textos anteriores ao século XVIII que hoje denominamos de literatura – tal qual o livro de Cervantes –, podem assim ser denominados pois os integramos ao modo de pensamento a partir do qual se compreende a



linguagem na episteme moderna. Mesmo que se perceba aqui um passo além na interpretação de Dom Quixote, o personagem não é visto como uma reconfiguração do modo de pensamento lá mesmo onde acontece, mas, apenas, retrospectivamente. Já em Rancière, a figura do cavaleiro errante apresenta sempre um mesmo papel: aquele que, com sua recusa a manter separados os espaços da realidade e da ficção, opera uma revolução sensível. O Dom Quixote de Rancière aponta para um gesto arqueológico no qual não interessa tanto encontrar a razão policial ou a regularidade discursiva na qual um gesto disruptivo aparece, mas, antes, encontrar, em um funcionamento específico da partilha do sensível, a imanência de uma cena arqueológica na qual uma figura qualquer, como a do cavaleiro errante, aparece como um gesto disruptivo capaz de reconfigurar todo um regime de identificação da arte. Nossa hipótese é a de que tal deslocamento do gesto arqueológico se dá pela compreensão do conceito de cena em Rancière.



Uma arqueologia da vida em Michel Foucault

Davi Maranhão De Conti (UFG)

Resumo: Foucault, em *As palavras e as coisas*, opõe-se a uma história da biologia que ignore o fato de que “a biologia não existia [antes do século XIX]” (FOUCAULT, *As palavras e as coisas*, p. 141, acréscimo nosso) e que desconsidere, assim, que a biologia era desconhecida porque “a própria vida não existia” (FOUCAULT, *As palavras e as coisas*, p. 141). Essa afirmação em certa medida enigmática de Foucault a respeito da vida pode ser melhor compreendida se se considera esse conceito como um “indicador epistemológico [indicateur épistémologique]”, como bem o define Foucault em seu debate de 1971 com Noam Chomsky. Como “índice epistemológico”, portanto, a noção de vida aponta não apenas para um novo campo de estudo a ser percorrido como também revela uma cesura epistêmica que irrompe na aurora da modernidade – no ocaso da episteme clássica, no fim da era da representação – e se cristaliza entre outras coisas num conceito de vida que marca o abandono dos tableaux de história natural e a emergência da biologia. A noção de vida, para Foucault, bem como as noções de trabalho e de linguagem, é um “quase-transcendental”, “para além do objeto” (FOUCAULT, *As palavras e as coisas*, p. 265), cujo efeito sobre a discussão científica não significa que se haja alterado sobre o que se discute. Esse “quase-transcendental” que nos interessa aqui “se opõe ao ser como o movimento à imobilidade, o tempo ao espaço, o querer secreto à manifestação visível. [...] funciona como uma ontologia selvagem que buscasse dizer o ser e o não-ser indissociáveis de todos os seres” (FOUCAULT, *As palavras e as coisas*, p. 294). Para elucidar o sentido dessa transformação epistemológica cristalizada na noção da vida, Foucault, como veremos, remete sobretudo às teses de Xavier Bichat (1771-1802) em *Recherches physiologiques sur la vie et la mort* (1799) e de Georges Cuvier (1769-1832) em *Leçons d’anatomie comparée* (1805). Bichat – ao definir a vida por meio da morte, isto é, como “resistência à morte” – e Cuvier – ao submeter “a disposição do órgão à soberania da função” (FOUCAULT, *As palavras e as*



coisas, p. 279), bem como ao retirar a vida do domínio das leis cartesianas da extensão – contribuem para o abandono do olhar clássico da representação, para o esvanecimento do campo de visibilidade característico desse olhar.



O reposicionamento do dualismo em Bergson: uma nova aliança entre filosofia, ciência e arte

Débora Morato Pinto (UFSCar)

Resumo: Apresentaremos aqui algumas reflexões com vistas a explicitar a “nova aliança” entre filosofia e ciência postulada por Bergson. Faremos isso por meio da exposição de seu tratamento a um problema metafísico preciso, o dualismo mente/corpo. Se a proposta do método intuitivo consiste em fazer convergir uma visão de si por si, de caráter vago e fugaz, com a observação dos fatos exteriores cuja fonte mais relevante é a ciência, o fazer filosófico não pode avançar sem a “colaboração lúcida” entre os dois tipos de conhecimento. Mais que isso, apontaremos como essa aliança necessita incorporar ainda uma outra maneira de acesso ao real, mobilizando em nós algo da percepção estética e dialogando também com a arte. Trata-se de seguir os índices de uma visão que vê mais, ou “diferentemente”, em relação à percepção natural. Eis o caminho para respeitar, seguir e questionar a experiência em seu escopo integral. Veremos, no caso paradigmático do dualismo mente/corpo, o modo pelo qual Bergson recoloca um problema filosófico a partir das sugestões da intuição como visão da “interioridade” e o conduz, por um processo de estreitamento, ao terreno dos fatos. No caso, os fatos de memória. Ao buscar sem descanso essa convergência, o método encontra a história dos saberes de seu tempo, dado que dialoga diretamente com as ciências da vida e da consciência, juntando-se a um amplo espectro de investigações que marcam o início do século XX. Apontaremos, ainda, as ressonâncias dessa atitude filosófica no horizonte da filosofia francesa contemporânea, em suas vertentes fenomenológica e crítica.



Inconsciente e plasticidade: Malabou leitora de Freud

Diego Luiz Warmling (UFSC)

Resumo: Das tensões entre neurociências, filosofia e psicanálise, interrogaremos a leitura de Catherine Malabou sobre Freud, feita através da noção de plasticidade, desde então entendida como via de resistência ao capitalismo atual e de metamorfose do Ser em algo outro. Entre a primeira e a segunda tópicas freudianas, veremos que o inconsciente psicanalítico assinala o déficit dos projetos consciencialistas. Trata-se aí de expor um ponto de despossessão da subjetividade, onde o sujeito é habitado pela consciência de seu descentramento. Reivindicando uma determinação “outra” à subjetividade, Freud aponta para modos de presentificação da subjetividade, desde quais vivificamos um contínuo estado de errância. Fundado no inconsciente enquanto cena não-figurável e fragmentária do real, o sujeito psicanalítico derrapa a partir de algo que, pelo desejo, o desconstrói a todo momento. Contudo, apesar de Freud romper com muitos paradigmas, é por sua abertura aos demais saberes que notaremos o quanto a psicanálise e as neurociências ainda guardam pontos de divergências e interlocuções. Avaliaremos estas antinomias no intuito de entender que a leitura de Freud por Malabou é chave à interlocução das neurociências com o inconsciente, pois sugere que nossas vivências podem resultar em alterações irreversíveis à subjetividade. Inesdita na temporalidade, a plasticidade segundo Malabou serve para pensarmos o problema do sofrimento psíquico, aplicável ao diagnóstico da atualidade. Reconfigurando a psicanálise à luz dos novos feridos e da crise ecológica, veremos como o humano é um acidente incontornável, e que encontra na plasticidade maneiras de receder e dar forma, mas também de explodir e transformar as coisas, conferindo-lhes dimensões completamente novas. Articulado na materialidade do cérebro modos de enfrentamento à flexibilidade capitalista, Malabou encontra na plasticidade destrutiva uma nova relação com a negatividade, que adquire pregnância ao ver-se inscrita nos debates entre psicanálise, filosofia e neurociências. Ela redimensiona os projetos



humanistas, ensinando-nos como é possível dizer se é o cérebro que resiste, explode, não quer ou não pode fazer mais.



A redução Fenomenológica e o papel do corpo diante de eventos disruptivos

Everaldo Reis (UFS)

Resumo: Este ensaio visa refletir a intersecção entre a redução fenomenológica, concebida por Merleau-Ponty como ferramenta para "reaprender a ver o mundo" e como procedimento a ser constantemente retomado, e o que estamos denominando como eventos disruptivos - acontecimentos súbitos cuja natureza imprevisível desafia as expectativas e pressupostos sobre o mundo e perturbam o curso perceptivo regular. A questão é saber se a redução é ágil e eficaz o suficiente para lidar com tais eventos, ou se o corpo, autonomamente, pode retornar à experiência habitual do mundo.



O problema da vida e a filosofia de Gaston Bachelard

Fábio Ferreira de Almeida (UFG)

Resumo: A presente comunicação visa apresentar algumas hipóteses a respeito do tema da vida na filosofia de Gaston Bachelard. Se essa temática pode, à primeira vista, parecer completamente estranha às questões específicas tanto de sua reflexão epistemológica quanto de sua filosofia literária, a meditação bachelardiana não se esquivou da questão da vida, o que é possível constatar nas obras da década de 1930, período bastante singular da produção do filósofo, marcado fundamentalmente por três ensaios: A intuição do instante (1932), A dialética da duração (1936) e Lautréamont (1939). Com efeito, Georges Canguilhem, no verbete que redigiu para a Encyclopaedia Universalis sobre o tema "Vida", afirma: “Quando quis fazer uma psicanálise da vida, Bachelard escreveu Lautréamont”. Como se sabe, é neste período que Bachelard se demarca em relação à filosofia bergsoniana, elaborando uma reflexão metafísica que, eis a tese geral que pretendemos apresentar, pode ser tomada como uma espécie de chave de leitura para toda sua obra. Como no bergsonismo, o problema da vida surge a partir da reflexão sobre o tempo, afinal, como afirma Bachelard, toda metafísica tem por tarefa preliminar realizar uma “meditação do tempo”. Tal tarefa, que talvez possamos considerar uma lição aprendida com o autor de A evolução criadora, Bachelard a cumpre de um modo que coloca em evidência aspectos constitutivos de toda sua obra. Assim, podemos anunciar como objetivo geral da presente comunicação, o de assinalar a importância desse que ousaríamos identificar como momento bergsoniano do desenvolvimento da filosofia de Bachelard e o lugar singular que os livros que o constituem ocupam em sua obra. Isso permitirá, de maneira mais específica, indicar o papel que uma metafísica desempenha em sua filosofia.



Cegueira e indiferença para com outrem em *O ser e o nada*, de Jean-Paul Sartre

Fabrizio Rodrigues Pizelli (UFSCar)

Resumo: Objetiva-se, nesta comunicação, é analisar o estatuto de uma relação concreta com outrem, abordada na Terceira Parte de *O ser e o nada*, denominada de indiferença. De acordo com Sartre, na relação de indiferença, podemos escolher a maneira com a qual olhamos o outro e, por sua vez, construir a subjetividade sobre o desmoronar da subjetividade alheia. Com efeito, uma subjetividade pode ser construída na dissolução de outrem e transformar outrem em qualquer outra coisa, com exceção de um sujeito. Por conseguinte, essa relação desconsidera ou ignora a existência de uma subjetividade. Em outras palavras, essa indiferença opera uma espécie de cegueira com relação às outras consciências, porém essa cegueira não se configura como um estado de consciência, pois o sujeito que dissolve a subjetividade de outrem se torna a própria cegueira, de modo que essa atitude envolve uma compreensão implícita do ser-para-outrem, quer dizer, da transcendência de outrem como olhar. Portanto, na relação de indiferença há um resquício e uma possibilidade de o solipsismo permanecer, ainda que de modo enfraquecido e temporário.



Diagnóstico e batalha: sobre a dupla caracterização da filosofia por Foucault

Felipe Luiz (UFSCar)

Resumo: Desde a década de 60 Foucault caracterizava o fazer filosófico como uma atividade de diagnóstico. Esse tipo de afirmação foi se afunilando com o correr dos anos, de modo que, uma década depois, ele vai introduzir a noção de ontologia de nós mesmos ou ontologia histórica como a tarefa fundamental da filosofia. Para ele, a tarefa fundamental da filosofia seria explicar como nos tornamos nós mesmos ou, em outros termos, dentro de suas asserções descontínuas, a filosofia deveria indicar como, na miríade do possível, adotamos certas escolhas que vieram a nos diferenciar do passado, de modo a nos tornar singulares. Esse gênero de pensamento, que pensa o tempo histórico como acontecimento, estava presente desde a juventude de Foucault. Basta refletirmos, por exemplo, no riso que se lhe foi despertado com a leitura do bestiário de Borges: uma classificação completamente estranha à nossa sensibilidade de homens ocidentais pelas balizas perceptivas utilizadas a fim de categorizar os diferentes animais. Essa ruptura na sensibilidade indica bem o que, para Foucault, deveria ser feito no trabalho filosófico: vincar no mundo as características as mais próprias de dada formação social. Por outro lado, especialmente na década de 70, o pensador francês se valeu de um vocabulário bélico a fim de indicar o que ele estava pondo em funcionamento. Tática, relações de força, estratégia, luta, dispositivo. Toda uma gama de termos oriundos das ciências militares e que Foucault buscou se valer especialmente a fim de pensar as vicissitudes das relações de poder. Ele chegou mesmo a afirmar que deveríamos nos aproximar dos generais e de seu saber, caso intentássemos escrever uma análise do poder político. No curso de 1976, ele entende que as genealogias estavam travando uma batalha; e o próprio curso é destinado a traçar a genealogia de um modelo de compreensão fundado, precisamente na guerra. O final de *Surveiller et punir* indica um verdadeiro chamado às armas, com a predição de que uma batalha se aproximava. Afora esses elementos, a própria postura militante de Foucault quando de então indica que o estatuto concedido ao seu fazer



teórico era um que tomava a sociedade como belicosa. Duas posturas, portanto: uma que parece induzir ao quietismo, já que caber-nos-ia diagnosticar, sem intervir diretamente; outra que pensa que a filosofia deve ligar-se às lutas em curso e esclarecer a ação, como se o pensamento fosse uma caixa de ferramentas, nas palavras do próprio Foucault. Se ele propugnou uma estratégia sem sujeito, será que ele foi também um estrategista sem estratégia? A questão é a que nos propomos a resolver em nossa comunicação.



A crítica de Camus a lógica e prática da revolta em Sade

Flávio Rocha de Deus (UFBA)

Resumo: Em *O homem revoltado* (1951) Albert Camus realiza uma análise conceitual e histórica da revolta. Para ele, a revolta, um sentimento estritamente ocidental, é um duplo e simultâneo movimento de negação de uma condição considerada injusta e afirmação de um direito que transcende o indivíduo com a criação de um valor solidário a todos. Dentre as formas de revolta que ele discrimina, a revolta metafísica aparece como a indignação do homem que, no absurdo da condição humana, sente-se frustrado e revoltado com seu próprio status de existente. Nesta revolta a insurgência é contra Deus e o desgosto do homem é com toda a criação. Dentre os revoltados metafísicos, Camus elenca Sade, escritor condenado a prisão no período da revolução francesa, como um dos péssimos exemplos de uma revolta mal dirigida. Para o filósofo franco-argelino, Sade representa uma revolta incompleta, focada apenas no "não" com uma literatura aparece apenas como a manifestação de um desejo de destruição do mundo. Segundo Camus, a filosofia materialista de Sade ao conceber os seres humanos como uma mera extensão das leis primárias de criação e destruição da natureza, deslegitima qualquer conduta moral. Neste cenário, buscamos aqui apresentar a crítica de Camus a construção argumentativa de Sade em sua filosofia da natureza humana e em mutuo movimento de exposição também abordar conceitos fundamentais para a filosofia do autor d’*O estrangeiro*, a saber: absurdo, revolta, revolta metafísica, solidariedade e nostalgia da unidade.



Sartre e a temporalidade na angústia e na náusea: duas maneiras distintas de suspender o sentido do mundo

Gabriel Gurae Guedes Paes (UECE)

Resumo: No item V do primeiro capítulo de "O ser e o nada", Sartre explica que, cotidianamente, ações concretas como a de levantar-se ao som de um despertador para ir até o trabalho tem o seu sentido compreendido de modo passivo como “esperas pelo real” ou “exigências do mundo”. Deste modo, apreendemos nossas possibilidades como se estas viessem de fora de nós mesmo e agissem em nosso lugar. Mas há uma experiência ontológica que evidencia justamente o contrário, ou seja, que devemos tomar uma decisão a partir de nossa própria possibilidade para construir um sentido que não está dado, mas em aberto, no “curso de realização” de um projeto. Essa experiência ontológica é a angústia. Por outro lado, no primeiro romance publicado por Sartre, temos uma outra experiência ontológica, a náusea, que também mostra que não há sentidos já dados no mundo. No entanto, diferente da angústia, a náusea não tem como correlato um sentido em aberto que se faz no projeto, mas de uma ausência de projeto, ou seja, de uma total falta de perspectiva para se constituir qualquer sentido. Em nossa comunicação, vamos tomar a temporalidade como base da distinção entre angústia e náusea. Se a angústia intensifica a temporalidade do projeto, a náusea anula a temporalidade. Com essa leitura, abre-se o problema da correlação entre a náusea e a angústia e de como elas, apesar de serem maneiras distintas de colocar o sentido do mundo em suspensão, podem ser articuladas na estrutura ontológica de um mesmo parâmetro.



Corpus Imaginarium: Saúde Epistêmica em Wunenburger

Gabriel Kafure da Rocha (IFSertão-PE)

Resumo: O presente projeto tem como escopo a catalogação do que pode ser considerado como o Corpus Imaginarium de Wunenburger, herdeiro intelectual de Gilbert Durand, e, conseqüentemente de Bachelard, criadores dos estudos do imaginário. Sendo assim, Wunenburger, em suas 21 obras, muitas delas ainda não traduzidas para português, condensa um pensamento vasto e interdisciplinar sobre a imaginação. Investigar um corpus da imaginação, parte de certa forma então do imaginário do corpo, e de como o pensamento que se extravasa da linguagem, nessa relação de comunicar e expressar o que sente, transmite o tempo todo imagens de si. Wunenburger pode então ser considerado por imagens filosóficas diversas, tanto que um de seus livros mais lidos no Brasil trata de Metodologia Filosófica. Participante de diversos grupos de estudos relacionados ao Imaginário político, Estético, Geopoético ou mesmo, de uma antropologia filosófica. Sua visão sobre a integralidade do homem, por meio do cuidado com os limites da tecno-ciência da saúde o colocam numa reflexão contemporânea pós-pandêmico do que é o nosso imaginário numa era cada vez mais técnica. É então a partir do livro *Soigner – les limites des techno-sciences de la santé* que pretendemos adentrar nas possibilidades fenomenológicas de uma saúde epistêmica em Wunenburger. Por essa via, pensamos ser possível um diálogo com outros filósofos que pensaram questões semelhantes como internacionalmente como François Dagognet e Georges Canguilhem. De fato, tal pesquisa representa uma manifestação de reconhecimento de reabertura em torno de obras de Wunenburger que já foram publicadas em português, tais como *A razão Contraditória*, assim como também obras mais ligadas ao imaginário *Imaginaires et rationalité des médecines alternatives*. Wunenburger se coloca como um grande sintetizador e ativista dessa valorização da história do imaginário partindo justamente do aspecto contraditório da razão e suas tensões entre corpo e mente e se desdobrando na visão de um homem integral.



Poesia, linguagem e não-filosofia: Pessoa, Merleau-Ponty e Barbaras

Gisele Batista Candido (UFRJ/USP)

Resumo: À medida que prioriza a existência, as experiências expressas nos poemas de Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, encontram eco na filosofia fenomenológica. Nesse contexto, Renaud Barbaras apresenta uma leitura profunda e original da obra caeriana, ao pensá-la a partir de problemas frequentados sobretudo pela fenomenologia de Merleau-Ponty. Com efeito, no ensaio "Fenomenologia e Literatura: a não filosofia de Fernando Pessoa", Barbaras revela como as experiências cultivadas nos poemas que integram a obra de Caeiro vão além de determinadas soluções ensaiadas pelo filósofo francês, e configuram uma perspectiva radical sobre o pensamento e a existência, que pode e deve ser considerada pela filosofia. Ao abordar o pensamento poético-filosófico de Pessoa, e a leitura que Barbaras faz da poesia de Caeiro, pretendo tratar do diálogo entre os discursos poético e filosófico, buscando mostrar como o poético pode ser um espaço privilegiado para o desenvolvimento de experiências de teor filosófico que excedem e, todavia, compõem a filosofia.



A subversão da subjetividade em Merleau-Ponty e a possibilidade da arte

Harley Juliano Mantovani (CETEC-MG)

Resumo: Nossa investigação pretende demonstrar que a subversão da subjetividade clássica, que constitui um antropologismo metafísico, descortina e revivifica um horizonte de sentido cuja expressão determinará a possibilidade da arte em Merleau-Ponty. Por outro lado, isso nos impõe a tarefa de analisar como a arte herda, continua e se insere no projeto merleau-pontyano de elaboração de uma nova ontologia que não seria possível sem a crítica à metafísica dualista que está por trás do pensamento objetivo. E, como se sabe, é imprescindível a esse projeto ontológico a defesa da primazia da percepção que nos proporciona a experiência de um sentido bruto ou selvagem, incoativo e infinito, que não se confunde com o pensamento de alguma subjetividade metafísica. É nesses termos que a defesa da primazia da percepção implica a realização da subversão da subjetividade revelando-nos um “Logos em estado nascente”, cujo sentido e inteligibilidade não são primeiramente egológicos. Por isso, precisamos demonstrar como a investigação fenomenológica acerca do nascimento do Logos acarreta uma necessária e radical transformação da subjetividade, que precisa ser capaz de reconhecer que o começo da sua existência não coincide com o começo idealizado do seu pensamento. Ora, o que irá possibilitar a arte é precisamente a tarefa de expressar o nascimento do Logos que foi esquecido e do qual se afastou a própria filosofia. Por esse motivo é que Merleau-Ponty irá encontrar na pintura de Paul Cézanne uma espécie de arqueologia das origens da razão que revela a fragilidade do processo civilizacional por meio do qual o homem acredita ter se tornado real. O modo como o pintor rejeitou a sua própria humanidade representará, para o filósofo, um sinal da possibilidade da arte porque, afinal, antes de ser egológico o Logos nascente é estético.



Bergson e a crítica à correlação

Heliakim Marques Trevisan (UFSCar)

Resumo: A filosofia de Henri Bergson, a partir de seus primeiros livros, propõe uma nova definição de consciência através da noção de duração. Ao mesmo tempo que o filósofo discorre sobre a natureza peculiar da temporalidade da consciência no primeiro livro, ele elabora uma teoria sobre o corpo e o espírito em seu segundo livro que redefine a maneira como a tradição pensava a relação entre sujeito e objeto. Ao mesmo tempo que o filósofo recusa a solução transcendental, ele recusa o materialismo sob as suas diversas roupagens. Em nossa pesquisa observamos que a proposta de Bergson passa ao lado das soluções que perfazem aquilo que se convencionou chamar as teorias da correlação, justamente porque a compreensão do que seja a consciência não parte de um polo lógico subjetivo que acessa uma transcendência. Bergson propõe pensar a percepção como uma coexistência do corpo com o mundo, que se espiritualiza somente a partir da temporalidade, à medida em que a experiência torna-se passado. Compreender a consciência, nesta perspectiva, consiste na investigação das diferentes dimensões da temporalidade, como o presente do corpo em seu ambiente e os diversos graus do passado, como virtualidade. Assim, a ideia de correlação deixa de colocar-se para o filósofo, porque a percepção, através do corpo, não parte de uma consciência contemplativa, mas de uma coexistência com as coisas, mostrando de que maneira a percepção acessa o mundo por “suas raízes profundas”, e em que sentido isso prepara o desenvolvimento de uma metafísica para o autor.



Negação, transcendência e superação: uma aproximação de Simone de Beauvoir

Igor Silva Alves (UFU)

Resumo: Nesse trabalho, procuro acompanhar a partir das obras "Pirro e Cíneas" e "Por uma moral da ambiguidade" a maneira como Simone de Beauvoir se apropria de alguns aspectos da filosofia de Hegel, principalmente a maneira como ela reinterpreta passagens da "Fenomenologia do Espírito", e como a partir dessa apropriação Simone de Beauvoir dá novo sentido às noções de transcendência e de superação.



Uma nova leitura de "Ontologia da imagem da fotográfica" de André Bazin: afinidades teóricas

Jonas Mur (Unifesp)

Resumo: Esta comunicação se propõe a apresentar uma breve e nova leitura de "Ontologia da imagem fotográfica" (1945) de André Bazin. Procuramos demonstrar as afinidades histórico-argumentativas entre este e outros dois textos sobre fotografia e cinema que o antecedem. Longe de ser um paralelismo entre diferentes autores e obras por mero capricho, queremos mostrar que a sintética argumentação desse teórico e crítico de cinema francês deriva de um debate persistente naqueles tempos sobre o estatuto do cinema (uma técnica que progrediu da fotografia), particularmente no Entreguerras, durante a Segunda Guerra Mundial e no Pós-guerra, período de ascensão da indústria cinematográfica e da sua popularização mundial. O primeiro texto, na linha cronológica, é o então postumamente célebre ensaio "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica" (1935-36) de Walter Benjamin; o segundo texto é o "Esquisse d'une psychologie du cinéma" (1940, inédito em português) de André Malraux. À medida que comentarmos a "Ontologia...", que abre a célebre coletânea póstuma de artigos de cinema, "Qu'est-ce que le cinéma?", proporemos também possíveis filiações propriamente filosóficas a partir dos escritos de Jean-Paul Sartre, sobretudo "O imaginário" (1940) (segundo Dudley Andrew, na biblioteca pessoal de Bazin há um exemplar desse livro grifado e anotado), e de Maurice Merleau-Ponty, "O cinema e a nova psicologia" (1945), cujas personalidades foram indispensáveis naquele momento, provocando uma frutífera relação entre filosofia e arte, e vice-versa. Portanto, pretende-se demonstrar que as teses de André Bazin não foram escritas na solitude do seu gabinete – como alguns quiseram lê-lo – mas foram fruto de um intenso e coletivo debate na sua época, e que a nossa escolha em aproximar esses três ensaios sobre o cinema de três autores oriundos de contextos socioculturais bastante distintos não é arbitrária, uma vez que depende de uma



afinidade que poderia ser sumarizada nesta frase: o cinema é a arte por excelência da modernidade.



Moral, arte e metafísica em Simone de Beauvoir: para uma atitude do amor à vida

Josiana Barbosa Andrade (UFPeI)

Resumo: No decorrer da elaboração de sua moral existencialista, Simone de Beauvoir indica: 1) essa moral se fundamentará mediante uma metafísica; 2) esse moral se constituirá de maneira análoga ao método das e dos artistas. A princípio, essas duas proposições parecem uma *contradictio in adjecto*. Essa contradição reflete a concepção clássica de metafísica, apontando para o movimento que a filósofa efetuará: a desmistificação da Metafísica, ressignificando-a, para tornar possível a conciliação entre o eterno e o terreno, o necessário e o contingente. Ao efetuar esse movimento, ela visa tornar realizável uma atitude moral segundo a qual o sujeito não seria mais dividido entre dois mundos – que seria um sintoma advindo do dualismo da metafísica clássica – mas que, aceitando-se habitante somente de um mundo, buscaria tornar necessária a sua existência, originalmente, contingente, evitando o conflito entre valores “eternos” e valores “terrenos”. Isto posto, a proposta deste trabalho é explicitar a relação entre as duas proposições colocadas acima, a fim de evidenciar que a atitude moral autêntica beauvoiriana é uma atitude do amor à vida, cuja expressão seria um afirmar-se necessário no seio da contingência, que Simone de Beauvoir identificou na atitude das e dos artistas, no geral.



Sentir o invisível: em torno da presentificação da Vida

Josiana Hadlich (UFSM)

Resumo: Existe para a Fenomenologia algo que está além dos limites do aparecer? Como poderíamos denominar aquilo que está atrás ou que manifesta o próprio aparecer do fenômeno? Sem desviar das linhas fenomenológicas, propomos uma nova afetividade desperta pela sutileza de um invisível que presentifica a Vida já no contato primordial do ser com o mundo vivido. Para tanto, investigamos as nuances do invisível e da afetividade nos pensamentos de Maurice Merleau-Ponty e Michel Henry, apontando diferenciações e críticas às suas concepções, bem como buscamos propor um caminho para que se possa pensar um diálogo entre ambos no qual o invisível henryano – a Vida que é pura imanência – teria melhor consistência se apresentasse um correlato transcendental no viés de um chiasme merleau-pontyano trazido no *Le visible et l'invisible*. Nossa tese se fará a partir do entendimento sobre a afetividade henryana e uma interpretação ontológica da invisibilidade no trabalho que Merleau-Ponty vinha construindo em seu inacabado livro, a fim de investigarmos a esfera da invisibilidade que exige uma resposta acerca de como o invisível é vivenciado: se dependeria de um aparecer ou seria uma afetividade pura. Embora, em Merleau-Ponty, o invisível não se desvincule de seu correlato visível, pensamos que o invisível não se comporta nos moldes de um objeto empírico qualquer, bem como para Henry a Vida é algo que nunca será vista. Então, seria o sentir uma forma de presentificá-la?



Para abrir o futuro aos recém-chegados: contribuições beauvoiranas

Juliana Oliva (UNIFESP)

Resumo: “O que é?”, talvez pergunte a filosofia – ou perguntam à filosofia. Nos debates das áreas da filosofia da educação e do ensino de filosofia é comum retornar a perguntas elementares. Pensar filosoficamente a educação e o ensino implica indagar tanto sobre o que é ensinar como sobre o projeto de formação de um indivíduo, ou ainda, de um cidadão. Simone de Beauvoir não é uma filósofa da educação tampouco debruçou-se sobre o tema, mas ao discorrer sobre a formação do sujeito no vazio e na contingência da existência, na medida em que parece colocar em questão o que é a infância e o que é uma criança, provocamos para refletirmos sobre a delicada angústia da adolescência. Se a infância é marcada por um “privilegio metafísico”, o final desse período é anunciado pelos questionamentos da criança diante de um desabamento do mundo sério e da descoberta da própria subjetividade e do desamparo da liberdade. No caso da criança tida como uma menina, sua formação não escapa do peso negativo atribuído ao corpo feminino e do aprendizado dos papéis que caracterizam o tornar-se mulher; nesse cenário, a descoberta da própria presença no mundo revela à menina sua própria subjetividade apartada de seu corpo, que parece-lhe alheio. Proponho então sugerir contribuições da abordagem fenomenológico existencial beauvoiriana da chegada da criança ao mundo e de sua passagem ao mundo dos adultos e enfatizar a importância da reflexão sobre o tema em áreas que não apenas a da educação e do ensino de filosofia.



Tornar-se mulher: ambiguidade e liberdade em Simone de Beauvoir

Larissa Fernandez de Andrade Santos (UFBA)

Resumo: Esta comunicação destaca o pensamento de Simone de Beauvoir acerca do tornar-se mulher, como um salto necessário à filosofia existencialista que não atribui gênero ao ser. Relacionando a liberdade à transcendência e a possibilidade de estabelecer uma ruptura no mundo pela ação espontânea, Beauvoir identifica na essência do ser livre, a incerteza e o risco, mas também as diferenças de situações e obstáculos que se apresentam concretamente aos sujeitos. Liberdade é contingência: livre, o ser pode dar valor e significado a um mundo que em si não o representa. O tornar-se mulher é fluido e parte da ambiguidade humana, mas cerca-se de situações mais tortuosas no caminho à transcendência. Através da premissa existencialista de que a existência precede a essência, e sendo a existência construída através da situação, negamos uma natureza feminina. Não há destino que defina uma mulher, somente pela mediação do outro sujeito, o homem, ela é qualificada como um Outro. Tornar-se mulher é uma construção individual, mas também é coletividade com fins à libertação de todas. Nesse percurso, a desnaturalização do feminino opõe-se ao determinismo do destino da mulher, negando a universalidade do sujeito político, histórico, cultural e filosófico. As relações de gênero enquanto categoria filosófica, juntamente com o movimento feminista e de mulheres, são os pilares da autonomia da mulher na sociedade contemporânea. Os estudos de gênero são base no combate à violência epistêmica, onde a visão de mundo masculina impôs-se e consolidou-se, negando e impossibilitando a produção e o acesso à saberes femininos.



Razão e Dialética: uma compreensão da epistemologia química bachelardiana

Lisandro Bacelar da Silva (UFBA)

Resumo: Inserindo-se na linha de pesquisa da Filosofia da Química "Os clássicos da Filosofia e a Química", este trabalho tem como tese a afirmação de que a Epistemologia química bachelardiana apresenta uma original estrutura dialética. Para tal, elegemos as seguintes perguntas contribuem para nortear esta pesquisa: em que medida se depreende do pensamento bachelardiano uma dialética epistemologia química? Por que a metaquímica bachelardiana pode ser concebida como originalmente dialética? De que modo são contempladas as dimensões da práxis química na obra bachelardiana? Desse modo, contemplando, essencialmente, obras como A Filosofia do Não, O Novo Espírito Científico, Materialismo Racional, e buscando apontar para a originalidade da dialética presente em sua Epistemologia, refletimos sobre categorias centrais da obra bachelardiana, tais como Razão, Racionalismo Aplicado e Númeno. Em seguida, concebendo-a no quadro de um original pensamento dialético, abordamos a sua Epistemologia Química, analisando como o filósofo perscruta as dimensões da práxis química. Por fim, reafirmamos a originalidade da dialética presente na epistemologia química bachelardiana.



Liberdade e revolução: a obra de Arte como reinvenção da vida

Luciano Donizetti da Silva (UFJF)

Resumo: A filosofia de Sartre é filosofia da liberdade: homens e mulheres são sua escolha de ser. Amparado na ontologia fenomenológica (EN), sua filosofia se volta para a vida, não como conceito, mas como aquilo que resulta de escolhas situadas que descrevem um projeto original de ser (ser-livre). Mas a vida não se faz só, não no caso humano: são homens e mulheres que engendram outrem, sendo – cada qual – universal-particular de sua época. Portanto, são as escolhas que definem a expressão mundano-concreta da liberdade na História (CRD); assim, mudar a própria vida altera a história, e a mudança histórica demanda alterações na vida em geral. A tese parece clara: história é o sentido mais próprio da liberdade-situada, pois não importa qual situação de opressão, ela é tributária desse ser-livre. História, em última análise, é o que a liberdade elege (ou elegeu), donde a mudança seja sempre possível; e sempre barrada? Pois um senso muito comum recusa a tese da liberdade situada e inventa mecanismos (Lei dialética, Mão invisível, Humor do mercado, determinação psíquica ou social etc.) para negá-la: Sartre insiste primeiro na necessidade da libertação metafísica, para fazer ver a liberdade como fundamento do que é o homem em sua vida – na história, portanto. Mas esse embate com teorias deterministas esbarra num dilema: como fazer chegar a revolução à história, se a liberdade é uma porta que somente se abre por dentro? Esse é o papel da Arte no contexto da obra de Sartre; e é o tema dessa comunicação.



O lugar do tempo: sobre "Por uma moral da ambiguidade" de Simone de Beauvoir

Marcelo S. Norberto (PUC-RS e PUC-RJ)

Resumo: O trabalho busca discutir o movimento realizado por Simone de Beauvoir em seu ensaio "Por uma moral da ambiguidade", de 1947. Mais especificamente, no percurso de instituir os princípios básicos de uma moral de cunho existencialista, em oposição a toda uma tradição filosófica, Simone de Beauvoir irá impor como temporalidade de uma ética existencial o presente.



As categorias etárias e a epistemologia da História: notas para um debate

Márcio Santos de Santana (UEL)

Resumo: Dosse (1993) chamou de “história em migalhas” à nova dinâmica disciplinar projetou as categorias sujeitos, redes e representações como mediadoras de pesquisas, sobretudo em razão da importância nos debates acadêmicos no Tempo Presente. Logo, as problematizações são alocadas em três segmentos: (i) o estatuto epistemológico da ciência histórica e sua especificidade, (ii) os procedimentos metodológicos da pesquisa e (iii) as operações relacionadas à escrita da história. A configuração descrita favorece o diálogo com a filosofia, em interface direta com a epistemologia, tornando-se imprescindível que a Epistemologia da História pense os fenômenos, os processos e as variadas categorias e conceitos mobilizados, não só pela historiografia, mas também pela literatura especializada de outras áreas das ciências humanas. Em que pese as alterações estruturais por que passou a ciência histórica nas últimas décadas, ela segue sendo vista como a ciência dos homens no tempo. Logo, o tempo, a temporalidade, a historicidade e os demais corolários continuam sendo tópicos de reflexão. Por conseguinte, a cronologização do curso da vida, fenômeno social tipicamente moderno, bem como as categorias etárias a ele relacionadas (criança-infância, adolescente-adolescência, jovem-juventude, adulto-adulterez, idoso-velhice/terceira idade etc.) tornam-se seminais para se pensar uma Epistemologia da História. O vínculo social, objeto pour l'excellence das ciências humanas, seria alvo de um novo tipo de questionamento, resultante de uma escala de análise direcionada à dimensão cotidiana dos atores sociais. Outrossim, a análise é agora direcionada aos sujeitos, seja no plano objetivo (e.g., ações), seja no plano subjetivo (e.g., emoções), enfatizando o instituinte em detrimento do instituído ou, dito de outro modo, a agência em prejuízo da estrutura. Destarte, atuando nesse novo enquadramento analítico, torna-se possível ao historiador observar e captar a dinâmica do processo histórico de modo a minimizar perspectivas anacrônicas e teleológicas, cujo efeito prático na escrita da história é causar a impressão de que a história é roteirizada



por um *deus ex machina*. Refutando as pretensões de cientificidade da História, qualificando-a como “apenas uma narrativa verídica”, Veyne (1984[1971], p. 17) destaca que, ao lidar com acontecimentos humanos, o historiador os organiza e os expõe de forma idêntica ao do romance. Nesse sentido, o conhecimento histórico lida com o particular e não com leis gerais, tal como na física. O interesse primordial do conhecimento histórico, portanto, está na narrativa lacunar, na qual reside uma suposta verdade que cativa o leitor, tal como um romancista. Considerando tal panorama intelectual de maneira crítica, nossa hipótese é a de que podemos nos tornar menos competentes para compreender o sujeito (a criança, o jovem etc.) ao direcionarmos nossa atenção à categoria social (a infância, a juventude etc.), tal como ocorre em nossa cultura histórica.



Bergsonismo Selvagem - permeabilidades com o povo Urubu-Kaapor

Matheus Marcus Gabriel Mellado (Unifesp)

Resumo: O presente trabalho surge com o intuito de pensar a questão política brasileira, mais precisamente, a questão indígena decolonial a partir de Bergson e com Bergson em intercessão com a cosmologia ético-política do Povo Urubu-Kaapor, do Maranhão. Apresentar o título 'Bergsonismo Selvagem' é afirmar o quanto este pensamento francês contemporâneo revolucionou o sec. XX com uma outra concepção de tempo como duração, liberdade como ação livre e vida como evolução criadora. Neste sentido, estando com Bergson faz-se mister seguir o horizonte encontrado na obra Ensaio e Evolução Criadora. Mas como se trata de um 'Bergsonismo' é de crucial importância pensar as problemáticas contemporâneas transversalizando o filósofo francês Henri Bergson com a Cosmologia Política da etnia Kaapor do Maranhão, para assim, permeando a imanência própria da 'ciência dos encantados' apresentar a relação vida, consciência e natureza nesta etnia, como uma nova experiência mística por si só evolutiva e criadora. Vale ressaltar q esta é uma parte de minha pesquisa de doutorado q está em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC, a qual se intitula: Bergson - música e mística como novo horizonte à filosofia.



Bergsonismo Selvagem - permeabilidades com o povo Urubu-Kaapor

Paulo Jorge Barreira Leandro (UFC)

Resumo: O presente trabalho surge com o intuito de pensar a questão política brasileira, mais precisamente, a questão indígena decolonial a partir de Bergson e com Bergson em intercessão com a cosmologia ético-política do Povo Urubu-Kaapor, do Maranhão. Apresentar o título 'Bergsonismo Selvagem' é afirmar o quanto este pensamento francês contemporâneo revolucionou o sec. XX com uma outra concepção de tempo como duração, liberdade como ação livre e vida como evolução criadora. Neste sentido, estando com Bergson faz-se mister seguir o horizonte encontrado na obra Ensaio e Evolução Criadora. Mas como se trata de um 'Bergsonismo' é de crucial importância pensar as problemáticas contemporâneas transversalizando o filósofo francês Henri Bergson com a Cosmologia Política da etnia Kaapor do Maranhão, para assim, permeando a imanência própria da 'ciência dos encantados' apresentar a relação vida, consciência e natureza nesta etnia, como uma nova experiência mística por si só evolutiva e criadora. Vale ressaltar q esta é uma parte de minha pesquisa de doutorado q está em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC, a qual se intitula: Bergson - musica e mística como novo horizonte à filosofia.



A Noção de Diagrama Poético em Gaston Bachelard

Pedro Olivieri Fonseca (UEL)

Resumo: O presente resumo se estrutura através da noção de diagrama poético apresentada por Bachelard (1884-1962) na obra *A Psicanálise do Fogo* (1938). Nela, Bachelard inaugura sua vertente sobre a imaginação material, tendo como princípio base a cosmologia poética dos quatro elementos (fogo, água, ar e terra) para formular uma nova crítica literária que também perpassa pela filosofia da arte, da estética e das imagens. No desenvolvimento de uma nova espécie de crítica estético literária, como sugere a leitura que Dr. Marcelo de Carvalho faz sobre a teoria bachelardiana, encontramos a abertura de sentido e de possibilidade para efetuar uma leitura de poemas, onde exista uma experiência estética no momento de contato entre a consciência do sujeito/leitor para com as imagens poéticas. A noção de diagrama poético, dentro dessa crítica estética literária desenvolvida por Bachelard, permite uma identificação das forças criativas que originaram os poemas, através de sua vinculação com algum deste quatro elementos, bem como com a identificação de suas metáforas que nos apresentam as suas imagens poéticas. Com isso, o diagrama aparece como uma espécie de mapa conceitual que aponta a direção que essas forças criativas se encaminharam dentro do poema, ao passo que também são decompostas e fragmentadas para sua identificação mediante todo o conjunto e extensão do poema. Esta proposta de leitura dos poemas e de decifração de suas forças criantes, se torna possível mediante o papel que o autor estipula para as metáforas dentro da função poética, e com isso, devemos interpretar as metáforas como um artifício semântico que nos coloca diante das imagens poéticas. Para Bachelard, através da imaginação ativa, do devaneio desperto, de uma parcela de consciência dentro da experiência com as imagens oníricas, ainda é possível alcançar uma região privilegiada durante a leitura de poemas, essa região é chamada de “região de metáforas de metáforas”, pois uma vez que a matéria já tenha sido devaneada pelo poeta e transformada em poesia, o leitor pode ter acesso a este mesmo papel criativo do autor, ao passo de que



pode transformar também as metáforas presentes nos poemas, e assim, através do exercício imaginativo, suceder a uma nova metáfora a partir daquela metáfora já presente no poema.



A atitude analítica: uma crítica ao cientificismo na obra de Merleau-Ponty

Rafaela Ferreira Marques (UFSCar)

Resumo: Certa criança sentada embaixo de uma figueira contempla determinada estrela dentre as muitas disponíveis para a inspeção de seu olhar. Ao ser interpelado por alguns adultos sobre o que fazia ali o menino responde: “estou olhando uma estrela”; imediatamente sua mãe, que estava por perto ouvindo a conversa, retruca: “você não está olhando nada, por acaso se conhece astronomia na sua idade?”. Com essa passagem extraída de uma obra de Balzac, Eugène Minkowski inicia o capítulo de seu livro *Vers une cosmologie*, intitulado “Prose et poésie (astronomie et cosmologie)”. É, em grande medida, sobre a diferença entre a visada infantil e curiosa em relação a uma estrela e a imediata subsunção, por parte dos adultos a seu redor, dessa mesma experiência a termos objetivistas e cientificistas, que tratará o presente trabalho. Durante séculos, algumas correntes do pensamento filosófico ocidental escolheram se colocar do lado da mãe do menino em detrimento de uma posição, por assim dizer, mais filosófica, que é justamente aquela pregada nos primórdios desse tipo de saber, o espanto diante do mundo, do que era, até então, ordinário, atitude comum na infância. Dessa feita, partiremos da teoria merleau-pontiana, principalmente aquela presente nos escritos da dita primeira fase de sua filosofia (principalmente nas seguintes obras: *Primado da percepção*, *Fenomenologia da percepção* e *Conversas* – 1948), para deslindar alguns aspectos daquilo que o autor chama “atitude analítica”, modo de pensar o mundo cujo correlato no campo da estética é a “visão analítica”, presente principalmente em pintores clássicos. Ver-se-á a estreita relação desse tipo de atitude frente ao mundo, que muito se assemelha àquela da mãe da criança mencionada acima, com uma maneira de subsumir a experiência no mundo a uma mesma perspectiva, fixa e fixada por um pensamento constituinte, no seio da qual a profundidade e a ambiguidade não têm lugar. Será preciso, para isso, compreender como a ciência e a filosofia clássicas, situadas entre Descartes e o kantismo, deixaram uma marca indelével na maneira como conhecemos e pensamos o mundo, como, isso que nosso autor



denomina “pensamento objetivo”, tentou despoetizar o mundo, relegando os fenômenos perceptivos, por exemplo, a um segundo plano, como fontes de ilusões e enganos. Finalmente, faremos a aproximação entre a fenomenologia merleau-pontiana e a pintura de Cézanne, valendo-nos do ensaio A dúvida de Cézanne, com a finalidade de demonstrar como é possível ver o mundo poeticamente e, em última análise, filosoficamente.



A estética da existência em Foucault e Souriau: a arte de existir depois do tombo

Regiane Lorenzetti Collares (UFCA)

Resumo: Esta investigação pretende abordar, em sua parte inicial, o panorama geral dos estudos de Michel Foucault que o permitiu tematizar acerca das experiências alteradoras ligadas às vidas infames, na medida em que tais existências, para além de toda degradação, podem ser reconhecidas por sua “força de movimento” fora dos estigmas morais vinculados a indivíduos julgados como abjetos e condenáveis. Como prolongamento a esta abordagem, pergunta-se ainda: quais as chances de experiências transformadoras que podem se dar em vidas infames, canceladas ou mesmo invisibilizadas? Para esta questão, propor-se-á aqui uma aproximação entre Foucault e Étienne Souriau (1892-1979), um pensador francês do campo das artes que se dedicou não apenas à estética, como também a questões de filosofia pura e das existências individuais. Souriau, na obra *Les Différents modes d'existence*, traz uma compreensão ao mesmo tempo estética e ética importante que incide diretamente nos modos de existir, considerando uma potência de transformação ainda que relacionada às vidas mínimas, sendo tal reconhecimento tributário do seu estudo que liga a arte a uma variedade infinita dos modos de existência. Para Souriau, a arte não deixa de ser uma atividade instauradora, portanto, no seu entendimento é possível vê-la como um conjunto de ações orientadas capaz de conduzir alguém de uma situação caótica até a instauração de uma existência singular outra, em que se atesta uma presença indubitável e alterável. Todavia, um questionamento se faz incontornável a ambos os pensadores franceses: no caso de vidas achincalhadas e pisadas (algumas quase que totalmente liquidadas), de que forma os diversos modos de existir podem ser alçados a outro patamar de realidade apesar do peso da condenação moral diante de situações catastróficas? Quais as chances de alterações de si quando vidas são alvos estratégicos de um poder que as captura e limita? Esta comunicação traz então a tarefa de encetar uma discussão filosófica a partir dos estudos de Foucault e



Souriau sobre as possibilidades de experiências alteradoras a existências imersas em um mundo de obscuridade e difamação.



“Eu estou morto”: algumas reflexões sobre a vida e a morte a partir da leitura de Jacques Derrida de um quadro de Valério Adami

Renan Ferreira da Silva (USP)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo expor algumas reflexões sobre as relações entre os domínios da vida e da morte a partir da leitura feita por Jacques Derrida de um quadro de Valério Adami, “Étude pour un dessin d’après Glas”, pintura que, inspirada em Glas, ensaio de Derrida de 1974, representa um peixe, fígado e suspenso no momento exato entre a vida e a morte, entre o movimento de sobrevivência e a sentença de morte. Trata-se, tanto na pintura de Adami quanto no livro de Derrida, da cena do peixe, símbolo do cristianismo e do mutismo, mas também da cena do próprio Derrida, de seu nome próprio, de seu corpo, de seu corpus e de sua assinatura. É a cena do Eu, do Je, do Ich, pronome pessoal nominativo da primeira pessoa, o qual será utilizado por Derrida para batizar o quadro de Adami. Mas, ao contrário de Husserl, para quem o significado do “Eu”, expressão subjetiva e ocasional, de funcionamento indicativo, realiza-se na representação imediata da nossa própria personalidade, o “Eu”, aos olhos de Derrida, é independente da vida atual ou da presença a si. Como constata Derrida em *A voz e o fenômeno* (1967), um dos primeiros ensaios escritos pelo filósofo franco-argelino, para compreendermos a palavra “Eu” não é necessária a intuição do objeto “Eu”, isto é, a não-intuição garante a idealidade da significação (Bedeutung) enquanto tal. O “Eu”, como todos os signos, funciona para além (par delà) da morte, e sua idealidade é compossível com a ausência do sujeito falante. “Minha morte é estruturalmente necessária ao pronunciado do Eu”, afirma Derrida, sendo o enunciado “eu estou vivo” já habitado pelo ser-morto. Essa morte, Derrida a toma para si em suas reflexões, tal como a personagem do célebre conto de Edgar Allan Poe, “The Facts in the Case of M. Valdemar”, que declara: “eu estou morto”. Declaração esta que atesta a radical não presença do sujeito, outro nome dado para a escritura.



Vida, arte e pensamento

XI ENCONTRO DO GT FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

31/08/2023 - 06, 08, 14 e 21/09/2023





Sartre e o escritor como intelectual

Renato dos Santos Belo (UFLA)

Resumo: Em 1965, no Japão, Sartre realiza uma série de três conferências dedicadas ao tema do intelectual (publicadas como *Em defesa dos intelectuais*). De início, trata-se de estabelecer os contornos de uma definição e de seu papel, a partir, em especial, da compreensão do intelectual como sendo a quase síntese de uma estrutura contraditória: a universalidade do saber prático de onde ele parte, como cientista, e o particularismo da ideologia de classe que o constituiu e formou. A partir desse escopo, na terceira de suas conferências, Sartre se pergunta se o escritor (literato) também seria um intelectual, isto é, se também nele a contradição que origina o intelectual está presente. Nessa apresentação, pretendemos mobilizar os elementos que constituem a questão e procurar elucidar a resposta sartreana. Para tanto, procuraremos apresentar uma leitura cruzada da terceira conferência de 1965 com o texto *Que é a literatura?*, de 1947. Trata-se, assim, de verificar semelhanças e avanços entre os dois trabalhos e discutir a tese de que o escritor é, diferentemente dos demais intelectuais que assumem essa função por acidente, um intelectual por excelência..



A vida plena como arte de viver: uma leitura foucaultiana contra o assujeitamento contemporâneo

Ronald Valentim Gomes Sampaio (UFRJ)

Resumo: Uma das grandes contribuições do último Foucault, é a proposição de uma filosofia que tem como finalidade precípua a constituição de um sujeito capaz de existir de modo autêntico, original, resistente ao modelo geral do assujeitamento. Ele chamaria esta proposição de filosofia outra, uma outra forma de elaborar e tematizar o sujeito. Visando engendrar os contornos dessa filosofia outra, Foucault realiza um retorno ao mundo antigo (Antiguidade Clássica) nos dois últimos volumes da História da Sexualidade e nas aulas da década de 80 no Collège de France. O pensador francês levanta a hipótese de que os gregos e romanos teriam formulado uma “estética da existência”, no sentido de uma arte de viver, que tinha como base o preceito do “cuidado de si” e como finalidade produzir uma vida como obra de arte. Foucault identifica nesse retorno aos clássicos, sobretudo na leitura dos filósofos do período (Platão, Epicuro, Seneca, Marco Aurelio e Epiteto, entre outros), uma verdadeira “cultura de si” na qual se observa uma valorização da relação consigo, baseada no princípio do cuidado de si. Neste período do pensamento, Foucault detecta uma nova elaboração: a relação consigo. Esta relação estabelece um tipo de moral que consiste em uma arte da existência, experienciada no trabalho sobre si constante, agonisticamente reelaborado como processo. É exatamente esse trabalho de reelaboração de si constante que dá valor a uma vida como obra de arte e desagua em uma vida plena. Foucault não acreditava na moral grega como alternativa para mundo contemporâneo. Contudo, a ideia de um trabalho sobre si, de um trabalho sobre si como agonística, parece passível de receber um significado atual. Essa ideia de um trabalho sobre si, de uma estetização da existência em Foucault, tem um papel relevante na atualidade. É possível dizer que o retorno aos clássicos, que a releitura dos filósofos clássicos, possibilitou a Foucault a apresentação de um outro sujeito no pensamento.



Vida, sociedade e democracia no pensamento de Henri Bergson como movimento de criação de forma

Sinomar Ferreira do Rio (UEMS)

Resumo: A presente proposta intenta apresentar o conceito de sociedade fechada e sociedade aberta concebidas pela filosofia de Henri Bergson. Nessa filosofia, a sociedade fechada é a forma natural de organização primeira que a vida instaura com o advento da espécie humana. A sociedade aberta, por sua vez, vem pelo interior desta mesma vida como uma atividade vital que quer inserir a todos em um único momento, o de inclusão. Trata-se de um movimento de organização social democrática. Vindo com uma tendência não natural, a democracia se faz uma atividade social que requer da própria sociedade um trabalho sobre si para se manter em atividade. Ela, ao contrário do que se dá com a organização da sociedade fechada, exige um esforço permanente para se manter como atividade social. A proposta busca, assim, colocar em relevo esses movimentos em suas diferenças próprias, de modo a elucidar as implicações que os compreendem.



Entre Translucidez e Opacidade: Considerações acerca da Gênese da Consciência, de Sartre a Merleau-Ponty

Tássia Vianna de Carvalho (UFRJ)

Resumo: A recepção da fenomenologia pela filosofia francesa tem seus dois grandes expoentes nos pensamentos de Sartre e Merleau-Ponty. Isto ocorre modo não totalmente desinteressado, em vista de preocupações distintas daquelas com as quais a fenomenologia clássica se compromete em seu surgimento. Distanciando-se de suas preocupações originárias, predominantemente epistêmicas, a fenomenologia chega a França voltada para a questão acerca do modo de ser da realidade humana, em sua relação direta e imediata com o mundo. Apesar de suas preocupações semelhantes, este desenvolvimento ocorreria de modo distinto em ambos os autores. Sartre se ocupa de uma fenomenologia dos atos de consciência, em sua doação de sentido ativa, não comportando nenhuma instância de passividade que conferisse uma certa opacidade à consciência, às custas fazer escoar a liberdade constitutiva da consciência, tal como ele a compreende. Sartre seguiria Husserl em seus primeiros passos, naquilo que é compreendido como uma fenomenologia estática, tomando um rumo distinto daquele adotado pela fenomenologia clássica em sua investigação acerca da gênese da consciência. Merleau-Ponty, em sua Fenomenologia da Percepção, permaneceria ainda fiel a Husserl em seu desenvolvimento de uma fenomenologia genética, bem como a suas investigações acerca da síntese passiva da consciência, compreendendo que esta não pode ser restrita a uma pura atividade. Haveria uma intencionalidade originária, misto de passividade e atividade, que guardaria consigo um substrato de todas as vivências, motivando a doação de sentido atual. Assim, a translucidez que move a consciência a transcender-se rumo ao seu objeto só seria possível se compreendida a par com uma opacidade, revelada por uma fenomenologia da gênese da consciência.



A velhice a partir da moral existencialista de Simone de Beauvoir

Thana Mara de Souza (UFES)

Resumo: Pretende-se, a partir da obra *A velhice*, discutir o modo pelo qual Beauvoir constrói sua moral existencialista. Do mesmo modo que em *O segundo sexo*, podemos perceber uma abordagem que parte do ponto de vista da exterioridade, do corpo como coisa no mundo, e chega a uma abordagem sobre o ser-no-mundo, sobre a vivência do corpo. Nossa hipótese é a de que, por um lado, Beauvoir mostra que não podemos determinar a vivência a partir das facticidades; por outro lado, não se trata de uma vivência que se faz alheia às condições concretas. Nesse sentido, a ambiguidade será uma noção chave para compreendermos essa moral que se faz sempre situada e nunca determinada.



A que ainda nos serve o humanismo?

Apontamentos sobre uma questão “tipicamente francesa”

Thiago Ayres de Menezes Silva (SEDUC-CE)

Resumo: O que entendemos por humanismo? A que poderia nos servir essa palavra já tão gasta e a propósito da qual se teceram tantas críticas a respeito de sua inverdade, sua falsa universalidade, seu eurocentrismo inconfesso, sua cumplicidade com experiências que antes envergonham do que enaltecem o pertencimento ao gênero humano? É a partir desse problema que o presente trabalho encetar uma discussão sobre essa ideia considerando alguns momentos da filosofia francesa, se interrogando se essa palavra ainda nos diz algo e se uma discussão sobre a mesma tem alguma relevância ou serventia para a compreensão da realidade na qual estamos inseridos e com a qual devemos nos confrontar. Um debate em torno do humanismo nos parece importante como estudo sobre a história do pensamento filosófico ocidental; entretanto, não é apenas por essa razão que perquirimos esse problema, mas, principalmente, para avaliar qual impacto ele pode ter no embate com os principais desafios de nossa contemporaneidade. Para tanto, seguiremos alguns momentos que pavimentarão o nosso percurso analítico: partindo de uma concepção estabelecida no pensamento francês desde seu momento Iluminista, analisaremos a problematização que Maurice Merleau-Ponty levanta em sua conferência O Homem e a adversidade a toda e qualquer orientação humanista para que não recaia nos limites típicos daquela expressão clássica; a seguir, analisaremos como o filósofo francês Jean-Paul Sartre formula um entendimento do humanismo em consonância com sua elaboração teórica e prática política. Essa análise terá como aporte os textos O Existencialismo é um Humanismo, em que Sartre busca aproximar o seu desenvolvimento teórico de então a uma perspectiva humanista reivindicada pelo marxismo da época; a “apresentação de les Temps Modernes”, bem como seu desenvolvimento em O Que é a Literatura, por ser onde o filósofo problematiza a ação



do escritor a partir de seu compromisso humanista pensado anteriormente; e Questões de Método, texto em que o autor elabora uma compreensão mais robusta de uma filosofia que tem o homem/humanidade no centro de suas preocupações. O humanismo assim descrito será interpelado pelas exigências formuladas anteriormente para que se possa avaliar se ele possuiria as mesmas limitações de sua formulação iluminista. A seguir, apresentaremos algumas das principais experiências que buscaram, a partir desse quadro sartriano, superar dialeticamente o humanismo clássico e burguês com a finalidade de proporcionar uma concepção a altura dos principais desafios do século XX e que ainda se apresentam como tarefas para o pensamento filosófico engajado em nosso tempo: a luta de libertação das mulheres, com a obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, e a luta das populações racializadas, a partir de *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon. Na esteira das conquistas teóricas dessa constelação de autores, tentaremos afirmar a relevância de uma orientação humanista consonante com as lutas de nossos tempos.



Foucault: poder, subjetividade e cuidado de si

Thiago Rodrigo de Oliveira Costa (UFRB)

Resumo: A partir de uma revisão do itinerário de pesquisa de Michel Foucault em suas fases genealógica e ética, nós buscamos mostrar como o conceito de cuidado de si ocupou um lugar importante na reflexão ética e na análise política mediante uma problematização da subjetividade antiga. Para tanto, nós mostramos, primeiramente, que o conceito genealógico de verdadeiro é substituído pelo conceito ético de jogo de verdade, posteriormente, nós esclarecemos que Foucault sempre compreendeu o conceito de poder como relações de poder. Finalmente, nós buscamos demonstrar como as relações de poder foram reinterpretadas por Foucault em termos de técnicas e práticas de governo de si e dos outros, trazendo o debate do campo estritamente político para o centro da reflexão ética acerca das nossas práticas de liberdade. Concluímos mostrando como o conceito propriamente ético de cuidado de si poderia ser reinserido na problematização política mediante o conceito de liberação a partir do Alcibíades I de Platão.



A invenção do real ou (às) margens de palavra: um estudo sobre a ficção em Jacques Rancière

Thiago Rodrigues (Unifesp)

Resumo: Há que se concordar com Jacques Rancière quando o autor afirma, ao comentar a obra de Guimarães Rosa, que a ficção “faz parte integrante de nosso mundo” (RANCIÈRE, João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada, p. 8), isto é, a narrativa ficcional é, ao menos nesse registro, um elemento constitutivo da nossa estrutura de racionalidade. Desde Aristóteles, pelo menos, sabemos que a ficcionalização do real é uma forma de subjugar a experiência imediata à necessidade causal. Narrar é uma das maneiras de organizar a experiência (vida), ou seja, contar uma história consiste em organizar os acontecimentos de acordo com um princípio ordenador (arché), com começo, com meio e com fim, não necessariamente nessa ordem. O caráter contingente da existência atesta que as coisas são em si mesmas sem sentido. A pergunta pelo sentido das coisas exige, então, a mediação da consciência humana, ou seja, a razão demanda uma estrutura de racionalidade. Numa obra ficcional, seja numa tragédia clássica ou num romance moderno (RANCIÈRE, As margens da ficção, p. 14-15), um acontecimento está necessariamente atrelado ao conjunto da narrativa que está acabada, que se converte em destino. O autor recorre à artifícios imaginários. Se numa narrativa ficcional surge a figura de uma jovem nauseada que se apressa ao banheiro para vomitar, perguntamo-nos imediatamente a causa desse acontecimento. Estaria a personagem grávida? Doente? Se grávida, contará com o auxílio do pai? Em suma, precisamos saber quais são as causas e os efeitos desse acontecimento, pois tudo deve obedecer ao destino previamente estabelecido pelo autor. Nunca se trata de um acontecimento banal. Ou melhor, mesmo quando se trata de um evento ordinário, típico da literatura moderna, nunca é apenas uma banalidade, pois a ordem das palavras exige um sentido. Às margens do real temos sempre as palavras para organizar as experiências compartilhadas (RANCIÈRE, A partilha do sensível, p. 55ss. Seja no universo ficcional, que



é também parte integrante do nosso mundo, seja no âmbito das ciências sociais, como forma de expressar o sentido oculto da história. O simples ato de limpar uma dispensa transforma a faxina cotidiana na prova ontológica da (in)existência de Deus. Mas quando que, no plano da experiência imediata, uma simples tarefa se converte em metafísica? A reflexão abstrata da nossa tradição metafísica teria como requisito necessário o afastamento do plano da vivência em relação ao plano do discurso racional. Assim, este estudo se ocupará dessa estrutura de racionalidade que habita o intervalo entre o real e o irreal, entre a vida e a ficção. Isto é, pretendemos responder à pergunta, no registro do pensamento de Rancière, sobre os limites da narrativa ficcional como elemento de constituição da realidade.



Entre Fanon e Merleau-Ponty: corpo e vivência

Uilson Junior Francisco Fernandes (SEE-MG)

Resumo: "Pele negra, máscaras brancas", escrito por Franz Omar Fanon (1925-1961), é uma construção conceitual única na história das Ciências Humanas. O texto transita entre a historiografia e uma criação conceitual inovadora, no contexto de opressões e violências vivenciadas contra o povo preto. Fanon estabelece, nesta obra negada em seu doutorado, a primazia do devir do corpo preto, resgatando a brutalidade e a profunda significação da experiência perceptiva do Ser Outro por meio de um novo modelo metodológico para pensar e viver a corporeidade. No entanto, esta obra não se trata apenas de uma discussão ontológica nos termos da escola francesa desde Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), mas, pelo contrário, é uma compreensão conceitual da luta descolonial vivenciada na própria carne. Nosso propósito neste estudo é demarcar os pontos de interseção da percepção radical, tal como efetuado por Merleau-Ponty, com os avanços apontados por Fanon, especialmente no capítulo V desta obra, a fim de encontrar novos contornos do estatuto do corpo próprio na produção filosófica contemporânea, principalmente em relação à demarcação dos limites do conceito de corpo próprio na tradição ontológica europeia. Dessa forma, buscamos compreender o alcance dessa nova ontologia proposta por Fanon, a partir dos princípios elaborados por Merleau-Ponty, com o objetivo de sustentar de maneira mais efetiva o que é atualmente denominado como Filosofia Africana.



Sobre a diferença na máquina social capitalista

Victoria Hautz do Carmo (UFSC)

Resumo: O problema da diferença está entre os mais importantes na filosofia de Gilles Deleuze. Denunciando a história da redução da diferença à identidade desde Platão, Deleuze buscou, através da crítica à história da filosofia, libertar a diferença das categorias limitadas da linguagem. Grande parte do seu projeto, portanto, volta-se a esse difícil trabalho de reabrir o mundo sensível para interpretações de cunho qualitativo e não quantitativo, isto é, interpretações interessadas em filosofar sobre o aspecto intensivo do real, dando ênfase no caráter produtivo e, portanto, criativo da vida. Seu mestre, nesse sentido, foi Nietzsche. Essa diferença, contudo, tão valorizada por Deleuze, foi limitada às categorias das várias filosofias da representação. Isso, na máquina social capitalista, ganhou uma nova e perigosa dimensão. A diferença entendida como intensidade, dá a Deleuze a base teórica para pensar o devir dos corpos, bem como a energia produtiva das distintas máquinas sociais. Os fluxos do desejo, portanto, seriam a expressão dessa intensidade da diferença. No entanto, quando os fluxos são codificados pelas máquinas sociais, acontece um recalçamento dessa diferença intensiva. A codificação, por conseguinte, recalca a diferença. Na máquina capitalista, todavia, o que será predominante como formalização dos fluxos do desejo é o processo de descodificação, que seria justamente o derretimento dos códigos. Assim, a intensidade da diferença passa a ser manipulada pelo Capital visando a produção constante de mais-valia, já que essa máquina social é altamente produtiva. Dado isso, os fluxos descodificados passam ser essenciais na produção capitalista. Vemos, aqui, por conseguinte, um paradoxo: ao mesmo tempo que a máquina social capitalista necessita descodificar os fluxos, isto é, necessita da intensidade produtiva da diferença, ela também sofre com a possibilidade dessa mesma intensidade “ir longe demais e ameaçar o processo de produção de mais-valia”, como diz Guéron em *Capitalismo, Desejo e Política: Deleuze e Guattari leem Marx*. Essa produção intensa, por isso, acaba sendo domesticada. Deleuze e Guattari desenvolvem a teoria dos axiomas para



esclarecer essa regulamentação imanente que o capitalismo passa a operar sobre os fluxos do desejo visando sua produção e, ao mesmo tempo, sua predominância. Pensar essa questão hoje significa pensar todas as formas de vida que atualmente estão subordinadas ao modo de produção capitalista. Sendo assim, essa problemática evidencia as razões deleuzianas de tornar o desenvolvimento do capitalismo um problema filosófico, além de elucidá-la como uma questão necessária para qualquer práxis política.



Dois caminhos para se pensar a arte em Sartre: a beleza entre a retração e a expansão

Vinicius Xavier Hoste (Unifesp)

Resumo: Em seu livro sobre Jean Genet - Saint Genet: comédien et martyr –, Sartre (2011, p. 515) alude a uma distinção entre dois “tipos de unificação” operadas pela criação artística, dois tipos de imaginação estética: uma retraída e a outra expansiva. O artista que cria uma obra retraída é aquele que busca domar seus elementos, de sorte que o intento dessa criação não é o de iluminar o caráter absurdo da existência, mas de atenuá-lo, transformando-o em “[...] uma sombra, na pura aparência sensível de unidades secretas. Com esse efeito, ele inverte o movimento natural das coisas” (SARTRE, 2011, p. 516). Nesse caso, a força da obra não irrompe totalmente, mas se dissipa, se faz passiva, já que seu movimento vai “do exterior ao interior”, propondo assim “unidades estáveis e fechadas” que tendem “[...] a estreitar as linhas sempre um pouco frouxas do real, a dar um giro suplementar na manivela, a supor a ordem entre objetos que não a tem” (SARTRE, 2011, p. 517). De tal maneira, o artista retraído opera em sua criação um movimento de condensação, de reconstituição sintética, de recomposição que tenta “[...] estreitar a multiplicidade até que os elementos se interpenetrem para fazer uma totalidade indivisível” (SARTRE, 2011, p. 519, nota 1). No caso da criação expansiva, por sua vez, o artista tenta encarnar nas obras, através da força da diversidade, “uma unidade explosiva”. Tal artista não busca uma unificação do real através da obra, visto que o que mais lhe interessa na realidade é justamente sua absurdidade. Tem-se, por isso, uma unidade dinâmica que se liberta das limitações dos contornos, uma imagem que já não remete àquilo que a prende, mas que visa fazer em pedaços qualquer pretensão de ser indenitário. A obra não tenta operar uma dissimulação na “pluralidade das substâncias”, pelo contrário, busca iluminá-las, busca invocar a presença da diversidade mesmo onde ela não existe, já que imprime uma curvatura de diversidade a fim de encarnar “a unidade de uma potência explosiva”. Dito de outra maneira, a obra expansiva não quer negar a pluralidade do mundo, quer entregá-la ao seu público com violência. Tem-se, portanto, uma



criação que pretende mostrar ao ser humano aquilo que ele é, a saber, essa perpétua transcendência que está destinada a jamais identificar-se consigo. Partindo dessas duas perspectivas, pretendemos mostrar em nosso trabalho como cada uma dessas intenções criativas se desdobram, seja através de exemplos concretos – isto é, de artistas enquadrados por Sartre como retraídos ou expansivos –, seja através da relação das obras com o público. Nesse sentido, tentaremos destacar que apesar dessa definição bem clara proposta pelo filósofo francês, na prática uma obra nunca é totalmente retraída ou expansiva, já que geralmente acaba transitando entre esses dois caminhos.



Poesia e luce: As imagens insurgentes em Deleuze e Did-Huberman

Vladimir Lacerda Santafé (UERJ)

Resumo: Em nosso artigo, seguimos a trilha de Didi-Huberman em sua busca secreta pelos vaga-lumes de Pasolini, atravessando os infernos e os apocalipses do cineasta e poeta italiano, no sentido de explorar a política menor contida em seus lucciole, lampejos na noite sobre as luce dos fascismos, passados e presentes. Desdobramos suas questões regrados pelas fundamentações heideggerianas e os ecos pasolinianos sobre a questão da técnica e suas implicações na sociedade atual, capitalista e tecnológica, desvelando as marcas por de trás do espetáculo de luzes que os projetores precipitam sobre os corpos atomizados assaltados pelos dispositivos de controle que nos cercam, assim como as linhas de fuga ou fissuras que nos restam ou sobraram, fortalecidas pelos laços da cultura popular e suas raízes na terra como um limite de seus próprios desejos, apesar dos escombros provocados pelo maquinismo midiático. Ou a máquina, quando agenciada pela pobreza despida das tradições, em sua radicalidade ontológica, não é um signo de libertação e empoderamento? Não a “comunidade que vem”, mas a “comunidade que resta”, nos diz Did-Huberman, as imagens ressurgentes enquanto política da resistência dos povos-vaga-lumes e não a imagem que fica: “O sol não apenas, como Heráclito diz, é novo cada dia, mas sempre novo, continuamente”. Ao final, com Deleuze e Tarkovski, delimitamos esses possíveis e as potencialidades do singular na contemporaneidade, tal como do devir enquanto carne de nossa época, retomando o tempo como precursor da vida e abertura para o mundo, ao esculpir a matéria e suas metamorfoses.



Atenção à Vida e Ampliação da Percepção na Filosofia Bergsoniana

Warley Kelber Gusmão de Andrade (UFSCar)

Resumo: Os problemas que envolvem a correta compreensão dos processos de atenção à vida e da percepção estão presentes em todo o desenvolvimento da filosofia bergsoniana, bem como, a indicação por Bergson da possibilidade de uma ampliação da percepção. Nesta direção, buscaremos verificar através da sua teoria da percepção a possibilidade defendida por este filósofo de que caberia à filosofia através de um trabalho de ampliação da nossa percepção cotidiana, – sempre presa pelos processos de atenção à vida e, portanto, ao campo estrito da ação –, transformá-la em intuição, no sentido que esta palavra tem nesta filosofia, isto é, enquanto possibilidade de acesso ao real em mudança e movimento. Haveria um meio para escaparmos desta limitação imposta a nossa visão do real, e que nos condiciona a uma vida voltada apenas para a sobrevivência? Para demonstrar a existência da possibilidade de dilatação e alargamento da nossa percepção, Bergson recorre a um exemplo pontual: O artista possui uma característica que parece ter sido inscrita nele mais por um acidente do que por uma repetição das formas produzidas pela natureza; ele já nasce com uma desvinculação entre sua faculdade de perceber e sua faculdade de agir, tal fato produz uma neutralização da função instrumental da percepção, e é essa neutralização que o permite ver o real em mudança e movimento.



A múltipla personalidade à luz da filosofia de Bergson

Yago Antonio de Oliveira Morais (UFSCar)

Resumo: Em linhas gerais, a múltipla personalidade pode ser caracterizada como sendo a existência de duas ou mais personalidades em um mesmo corpo. Tal fenômeno foi amplamente estudado pela psicologia francesa do século XIX, por autores como, por exemplo, Pierre Janet, embora também tenha sido objeto de investigações da filosofia francesa desse mesmo período. A questão filosófica que aparece como pano de fundo diz respeito à unidade ou multiplicidade da pessoa, a qual é colocada em evidência na medida em que ela aparece como sendo cindida de alguma maneira. Bergson, por sua vez, foi um dos filósofos que abordaram a problemática da múltipla personalidade, propondo uma interpretação do fenômeno à luz de sua teoria da memória. De acordo com ele, não há efetivamente uma divisão da personalidade nesses casos, uma vez que isso contraria sua tese central de que a pessoa é uma unidade múltipla. Em outros termos, Bergson não acredita que o fenômeno de múltiplas personalidades possa ser reduzido à tese de que há diferentes personalidades independentes umas das outras. Sendo assim, a leitura que o filósofo faz do fenômeno pode ser explicada a partir de uma incapacidade de atualização de lembranças que compõem nossa história singular. A compreensão de tal incapacidade exige considerar a relação psicofisiológica que foi explorada especialmente em *Matière et mémoire*, livro em que o filósofo busca problematizar tal relação, reinterpretando-a à luz da duração, por assim dizer. Nosso objetivo, portanto, é tecer alguns comentários sobre a maneira pela qual Bergson compreendeu a múltipla personalidade, buscando ressaltar que sua filosofia esteve atenta às discussões feitas pela psicologia científica.



Notas sobre o papel diagnóstico da arte em Michel Foucault e Paul Veyne

Yolanda Gloria Gamboa Muñoz (PUC-SP)

Resumo: A partir de exemplos determinados experimentaremos os direcionamentos diferenciais do diagnóstico em ambos os pensadores: M. Foucault e P. Veyne. Nosso ponto de cruzamento e limitação será o papel da arte na duplicidade de "arcabouço cultural" e "arte-vida"; dimensões a serem utilizadas tanto em relação ao "diagnóstico instintivo do presente" em Foucault, como nas "profecias às avessas" de Paul Veyne. Mediante a encruzilhada temporal de presente, passado e porvir avaliaremos, assim, o uso diferencial e diagnóstico explicitado em diversas expressões artísticas que ficaram materializadas na "discursografia" foucaultiana e na "relatografia" veyniana.